



PIRÂMIDE INVERTIDA¹ O COTIDIANO NO CENTRO DE CAMPINAS

Thais Helena PASCHOALIN²

Celso Luiz Figueiredo BODSTEIN³

Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP

RESUMO

Pirâmide Invertida traz personagens que representam a base da pirâmide social, apresenta quem (sobre)vive no Centro de Campinas, cenário envolto por decorrências da modernização e pelos contornos da pós-modernidade e que ainda mantêm traços do início do século XX. Fotografias, contos e depoimentos formam a estrutura deste trabalho que, no amplo e variado campo do fotojornalismo, atua na área documental.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; pós-modernidade; sociedade; comunicação.

PRIMEIROS PASSOS

Na boca do lixo, já entardece quando uma das moças olha e desafia: mexe, remexe e tira. Tira a roupa! E eu, a foto. É o primeiro dia de sessões no Centro de Campinas. Sinto um calafrio. Já fiz fotos de corpos nus, mas nem os atores fotografados foram tão espontâneos quanto a moça à la cabaré. Ela, nada preocupadas com onde o corpo iria desfilar. Eu, sem perfeccionismos técnicos e estéticos. Naquele momento, a cena foi suficiente. Suficiente para notar que, por mais que se conheça uma cidade, ela sempre surpreende.

Pirâmide Invertida mostra cenas urbanas e personagens que, compostos pelas lentes de uma câmera, constroem crônicas do cotidiano de uma metrópole que preserva traços do início do século XX. Campinas foi escolhida para ser fotografada como se fosse palco de vários espetáculos. Como um teatro, a proposta é trazer à tona sensações, saudosistas ou não. Como em um portfólio, as imagens reunidas e apresentadas neste trabalho incluem cenas cotidianas que passam despercebidas da maioria da população. E como álbum, este livro é um meio de organizar e garantir a longevidade dessas cenas por meio das fotografias documentais de várias épocas.

¹ Trabalho submetido ao Expocom 2008, na categoria E Áreas Emergentes, modalidade processo, como representante da Região Sudeste.

² Aluno líder do grupo e bacharel em Comunicação Social: Jornalismo, e-mail: ph.thais@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo do Curso de Comunicação Social da PUC-Campinas, e-mail: cbodstein@yahoo.com.br.



Contos, depoimentos e imagens apresentam a base estrutural da cidade, o Centro, envolto por decorrências da modernização e pelos contornos da pós-modernidade, tema analisado pela socióloga, psicóloga e filósofa Barbara Freitag no livro *Teorias da Cidade*, que inspirou esta produção. Freitag observa um padrão de urbanização típico de países emergentes, em que megalópoles refletem extremos e excessos da sociedade contemporânea composta por classes, situação presente, em menor escala, nas metrópoles que, diz a autora, ainda mantêm um limite sustentável.

Eu não sou muito otimista com relação ao futuro dessas cidades que, realmente, vão continuar do jeito que estão indo, porque a essência do que era a cidade, a proteção, a segurança, a cidadania, a organização social, com instituições etc, não está chegando a esses locais. (PASCHOALIN, 2007, p.8)

Por morar em Campinas, há 21 anos — desde que nasci —, reconheci, nas palavras da autora, a cidade onde vivo. Falta de habitação, lazer, oportunidades de trabalho e liberdade de circulação são questões que se agravaram à medida em que a cidade e a população cresceram. A partir de fotografias, observa-se claramente as transformações que a cidade sofreu, principalmente, a partir da década de 1950. E é com fotografias que apresento o local que, ao longo desse período, foi alvo da maioria das modificações: o Centro.

RUMO AO CENTRO

Recortar o passado do Centro de Campinas e colá-lo ao presente para evidenciar os marcos históricos da cidade levou à idéia de contemplar o entorno de alguns espaços cuja importância, ao longo dos anos, mudou de foco em seu aspecto funcional e social, tornando-se extensão da própria casa para uns e área de passagem para outros. Foram escolhidos cinco pontos e um conjunto de ruas para serem fotografados, documentados com imagens do passado e interligados entre si de forma histórica e geográfica.

Dentre os pontos, a Catedral Metropolitana de Campinas – Igreja de Nossa Senhora da Conceição; a Companhia Paulista de Estradas de Ferro e Navegação – atual Estação Cultura; o Viaduto Miguel Vicente Cury; o Mercado Municipal de Campinas – o popular Mercadão; o Palácio da Justiça, com as praças Guilherme de Almeida e Visconde de Indaiatuba – esta, conhecida como Largo do Rosário; e as ruas que cruzam a Treze de Maio e Costa Aguiar, que compõem o miolo do Centro.

Estimulada pelo prazer em ver fotografias, a busca por informações sobre a cidade teve início no Centro de Memória da Unicamp (CMU). Com auxílio da



historiadora e arquivista do CMU, Cássia Denise Gonçalves, selecionei dezesseis imagens das regiões escolhidas. Graças aos fotógrafos Aristides Pedro da Silva (V8), João Falchi Trinca, Geraldo Sesso Júnior, Luisa Herrmann, Benedito Barbosa Pupo e Antônio Miranda, foi possível reunir fotos das décadas de 1930 a 50 – período de replanejamento e reestruturação da cidade, que assumiu um novo formato.

A década de cinquenta em Campinas, se apresenta, na memória urbana, como um *momento de ruptura*. É um período de transformações profundas na estrutura e na forma da cidade, quando se acelera a implantação industrial, o crescimento da população e a expansão da área urbana. No centro, a partir de 1956, essa ruptura toma sua forma extremada, com a demolição de quarteirões inteiros, para o alargamento de ruas, fazendo desaparecer edificações representativas, como a Igreja do Rosário. A cidade perdeu com isso seu aspecto tradicional e assumiu sua face moderna, transformando-se de uma *cidade do café* em uma *cidade industrial*. (CARPINTERO, 1996, p.13)

Caminhadas no Centro de Campinas foram necessárias para observar o espaço e traçar o perfil de cada local a ser fotografado, cujas peculiaridades resultaram em pequenos textos livres que deixam de lado o saudosismo e trocam o factual pelo conceitual. Direcionar o olhar às injustiças sociais e espaços deteriorados é praticamente um vício e, como vício, teve que ser moderado. Livros, documentos, sites e produtos jornalísticos, fotográficos e históricos indicados por mestres e amigos ajudaram a observar o Centro a partir de seu passado.

Para não restringir as pesquisas a arquivos bibliográficos, me inscrevi no curso ‘O desenvolvimento de Campinas – 1800 a 1920’, oferecido pela PUC-Campinas, no qual a historiografia da cidade foi narrada por João Manuel Verde dos Santos, arquiteto e urbanista, mestre em Urbanismo e Conselheiro do Conselho de Defesa do Patrimônio Artístico e Cultural de Campinas (CONDEPAC). Com aulas teóricas e visitas monitoradas ao Centro, o curso ajudou a conhecer o município por meio de nuances de construções e pavimentações e entender como questões de saneamento estiveram diretamente relacionadas e atreladas ao desenvolvimento da cidade.

Para falar sobre a história do Centro, pessoas que (sobre) viveram na região antes, durante ou depois da década de 50, e ainda freqüentam o local, foram entrevistadas: moradores de prédios e de rua, vendedores ambulantes, comerciantes formais e informais, engraxates, prostitutas, travestis, policiais, um barbeiro, um dono de banca de jornais e revistas, um ministro da eucaristia da Catedral, um pedinte com deficiência visual, entre outros.

A maioria foi receptiva e sentiu-se à vontade para falar, sem restrições de tema e tempo; assim, intervenções foram feitas apenas nos momentos de silêncio, quando as histórias narradas chegavam ao fim. Nessas oportunidades, eu os direcionava a contar como era o Centro antigamente e suas vidas na época, as transformações que o espaço sofreu, como vivem, como vêm o Centro hoje.

Após a entrevista, fiz algumas fotos dos entrevistados – as únicas a fugir do meu controle autoral, pois cada um posou como quis, o que incentivou um deles a resistir e se deixar ser fotografado somente de perfil e cabeça baixa, justificando o ato com o seu direito de imagem, que foi respeitado.

A partir das lembranças narradas, elegi uma personagem para representar cada região selecionada. Transcrevi as histórias e utilizei princípios do livro-reportagem-biografia⁴ para reescrevê-las em primeira pessoa do singular, a fim de preservar sentimentos e gírias que marcam o estilo próprio, o perfil de cada um. O objetivo foi o de visualizar não apenas as transformações do espaço vivenciadas por muitos e publicadas nos jornais, mas compreender, a partir desses relatos, o modo de organização dos habitantes que fazem uso de um local em processo avançado de degradação.

Acrescendo ao olhar dos personagens, a historiadora e coordenadora do Patrimônio Cultural da Secretaria de Cultura da prefeitura de Campinas, Daisy Serra Ribeiro, relatou suas memórias e falou sobre a importância do Centro de Campinas, desde meados dos anos 50 até hoje, deixando como rastros neste livro seu ar esperançoso com o futuro.

O quadro de entrevistas foi completado na conversa com o arquiteto e responsável pelo restauro da Catedral Metropolitana de Campinas, Ricardo Leite Filho. Ele explicou o funcionamento e a atual estrutura do Centro e ainda apontou o que é importante observar para que melhorias expressivas sejam possíveis. A entrevista foi encerrada com uma visita à Igreja de Nossa Senhora da Conceição, do térreo até a cúpula principal, de onde vi a cidade que se formou ao redor da área central de Campinas.

Durante e após pesquisas também realizadas no Centro de Documentação Maria Luisa Pinto de Moura e na Biblioteca Pública Municipal Joaquim de Castro Tibiriçá, foram necessárias praticamente 100 horas, divididas em 24 dias, para reunir cerca de

⁴ Para LIMA (1993, p.45), o livro-reportagem-biografia é quando “um jornalista, na qualidade de *ghost-writer* ou não, centra suas baterias mais em torno da vida, do passado, da carreira da pessoa em foco, normalmente dando menos destaque ao presente”.

três mil fotografias. A notar que a maioria delas é consequência da era digital que, por possibilitar a visualização da imagem segundos após seu registro, estimula inúmeras produções fotográficas da mesma cena com diferentes ângulos e focos.

As fotografias foram realizadas em diversos períodos do dia. Várias horas foram dedicadas à caça de ângulos e enquadramentos no espaço público, casas, prédios e apartamentos privados - provavelmente os pontos escolhidos pelos autores das imagens cedidas pelo CMU -, para fotografar os pontos escolhidos do Centro a partir de fotos antigas e dar maior efeito de comparação entre passado e presente.

A busca por um céu e luminosidade perfeitamente iguais aos das fotos do acervo não foi tão bem-sucedida devido “às vontades de São Pedro” e também à poluição, que antigamente era mínima. Angulações e enquadramentos não idênticos são justificados pela tecnologia, que diferencia as câmeras e lentes atuais das utilizadas há, no mínimo, trinta anos. O possível e até o que parecia impossível foi feito para resultar em fotos de virtual semelhança com as antigas.

A modernidade se altera a cada momento. A fotografia permite o registro do durante e dos antes e dos depois. A não realização da fotografia em algum momento não permite mais a sua criação. O que pode ser realizado a partir de então é algo novo, é uma fotografia de um outro momento. Serão sempre novos momentos, novas situações, nova luz, novo tempo, embora tenha se decorridos apenas alguns segundos entre a decisão de se fotografar ou não. (RECUERO, 2004, p.154)

As demais horas foram destinadas às fotografias de personagens que animam o cenário urbano. O tempo todo estive pautada pela funcionalidade do espaço, que mescla transeuntes eventuais, freqüentadores assíduos e trabalhadores da região. Entre fotos propositais e inesperadas, foram utilizados, quando possível, técnicas e acessórios fotográficos para que não faltasse nem sobrasse luz às cenas. A possibilidade surgia ora de acordo com a velocidade do acontecimento, ora de acordo com a presença de um acompanhante que pudesse prestar atenção ao meu redor enquanto fotografava - fui advertida por familiares, colegas e policiais sobre riscos que corria ao me expor com uma câmera fotográfica robusta⁵ nas ruas da cidade.

Grande parte do trabalho reúne fotos roubadas, fotografias realizadas sem que o fotografado soubesse ou percebesse – enquanto outras, que dão a impressão de posadas, são imagens feitas após proposital exposição minha, a fim de instigar a curiosidade e

⁵ Uma Nikon D-80



prender olhares. Encontrei diversos tipos de personagens: tímidos, ousados, atentos e distraídos e busquei retratar todos.

Várias jornadas fotográficas foram nulas, não resultando em imagem alguma que me agradasse; nem técnica nem esteticamente. Insistência e paciência foram virtudes perseguidas em todo o trabalho. No processo de edição, a questão foi outra: dúvida. Entre tantas fotos, foi difícil selecionar as que realmente autenticaram a temática escolhida. A seleção foi rígida; eliminei aquelas com apelo emocional injustificado.

No formato de livro quadrado, que julgo proporcionar mais liberdade na diagramação, criei seqüências que possibilitam a algumas fotos comunicarem sentidos latentes com outras. Passado presente e o presente passado. Acredito que o mais importante deste livro seja observar as vidas que circulam no Centro, que muda a cada segundo.

MOMENTOS REVELADOS

Ora avisados por uma câmera indiscreta, ora distraídos, os personagens que compõem esta obra foram vítimas de seus próprios atos. São, talvez, culpados de terem atiçado desejos, emoções e principalmente a imaginação de outrem. A cada ordem de disparo, uma vida violada, revelada e imortalizada.

No amplo e variado campo do fotojornalismo, este projeto atua na área documental. Com conhecimento prévio do assunto a ser fotografado, as imagens foram realizadas sem intervenções definitivas, contando com dicas de fotógrafos, jornalistas e fotojornalistas na fase de edição.

MRAZ (2005) define, de maneira simples, o fotojornalismo como “imagens feitas para publicações jornalísticas”, e afirma que “uma consideração básica é o veículo para o qual está destinado” (1999). Assim, descreve as diversas maneiras de trabalho dos fotojornalistas em relação aos meios e os dividem como fotógrafos de imprensa, fotojornalistas, foto-ensaístas e documentaristas.

Para trabalhar com a representação da vida cotidiana assumi plena liberdade de expressão, diferentemente, por exemplo, do que ocorre com um fotógrafo de imprensa diária que quase sempre, é designado a cobrir factuais e raramente influencia no processo de edição de suas fotos. Pude realizar as fotos nos momentos que eu mesmo escolhi. Pude brincar com cenas e personagens, trabalhei a criatividade e o resumo do meu olhar se encontra neste livro.



REDESCOBRINDO CAMPINAS

Com 233 anos de história, Campinas ocupa uma área de 801km² e tem população estimada em 1.039.297 de habitantes, distribuídos pelo núcleo central, quatro distritos (Joaquim Egídio, Sousas, Barão Geraldo, e Nova Aparecida) e centenas de bairros, segundo o último censo realizado pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

A cidade de Campinas surgiu na primeira metade do século XVIII como um bairro rural da Vila de Jundiaí, localizado nas margens de uma trilha aberta pelos bandeirantes paulistas, entre 1721 e 1730, chamada de “Estrada dos Guaiases ou Goiases” ligando São Paulo às minas de Goiás e Cuiabá. Em 1767, o bairro contava com três pousos e roças espalhadas que, de acordo com o primeiro recenseamento feito, somavam cerca de 185 pessoas.

Por intervenções de roceiros sitiantes e do capitão-general da Capitania de São Paulo, Morgado de Matheus, em 1774, foi fundada a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso de Jundiaí, tendo como fundador Francisco Barreto Leme. Em 1797, motivada pelo grande crescimento da agricultura de cana-de-açúcar, passou a se chamar Vila de São Carlos e, em 1842, foi elevada a Município com o nome de Campinas, sustentada principalmente pela agricultura da cana e do café.

Em 1807, uma assembléia na Câmara da Vila decidiu erguer uma nova Igreja Matriz, pois a existente era muito acanhada e mal construída. Escolheram um local afastado do centro da vila e começaram a levantar as paredes de taipa de pilão, processo que durou 76 anos e deu origem à maior construção de barro cru do mundo, a atual Catedral Metropolitana de Campinas, hoje tombada pelos três órgãos de preservação que atuam em Campinas – o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico, e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat), o Conselho de Defesa do Patrimônio Artístico e Cultural de Campinas (Condepacc) e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Segundo Nelson Omegna (1942 apud LEITE, 2004, p.12), “Era um templo grande demais para a pequena Campinas. A Matriz tão alta ao lado do burgo de casinhas tão baixas. O campineiro de 1800 via o invisível”.

Em 1817, teve início a construção, também em taipa de pilão, da Igreja Nossa Senhora do Rosário, fundada pelo padre Antonio Joaquim Teixeira a mando da família Teixeira Nogueira, como pagamento de uma promessa. As obras da Igreja Rosário



foram assumidas por mestiços, escravos e alforriados, transformando-se na primeira Igreja de Ordem de negros de Campinas.

A riqueza da cidade, procedente não só das lavouras, cujos relatos indicam o predomínio das plantações de café sobre a cana, como também do comércio de importação e exportação, propiciou uma série de melhoramentos materiais e preocupações de ordem cultural, artística, social e religiosa. Já na segunda metade do século XIX, Campinas embarcou em uma filosofia de progresso, ampliando sua área urbana, contando com implantações de pequenas indústrias e fundições, inaugurações como as do Teatro São Carlos, do Correio diário e do Mercado Grande, e a criação do Código de Posturas, que introduziu uma série de exigências construtivas, sanitárias e estéticas, marcando a passagem da cidade colonial para a senhorial.

Em 1872, foi inaugurada a primeira estação de trens pela Companhia Paulista de Estradas de Ferro e Navegação, destinada principalmente a fazer o transporte do café. A primeira linha ligava Campinas a Jundiaí, onde terminava a ferrovia São Paulo Railway, que atingia o porto de Santos, permitindo o escoamento da produção agrícola pelo interior paulista até o litoral. Em 1876, a linha chegou a Rio Claro e, em 1880, em São Carlos. No mesmo ano da inauguração da Paulista, foi fundada a Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, orientada para a expansão da cultura do café em direção ao interior da Província de São Paulo e o sul de Minas Gerais. O primeiro trecho, inaugurado em 1875, ligava Campinas a Jaguariúna; posteriormente, chegou a Mogi Mirim e a Amparo. Seu último trecho foi inaugurado em 1921 e atingia Passos, Minas Gerais.

Com a chegada da Estação da Paulista, a única rua que ligava o Centro da cidade à Estação era a Travessa da Matriz Nova, atual Treze de Maio, que começou a ganhar importância como via de comércio. Com a chegada das ferrovias, foi inaugurado também o telégrafo e o serviço postal, hoje representado pelos Correios e Telégrafos de Campinas. Vale lembrar que, além da Estação da Mogiana, outras três ferrovias passaram a servir a cidade – a Sorocabana e duas menores, vinculadas à vida do município, o Ramal Férreo Campineiro e a Companhia Carril Agrícola Funilense.

Mas o progresso da cidade foi interrompido com epidemias de febre amarela que marcaram um parêntese na história de Campinas, diminuindo o número populacional de 20 mil, em 1889, para cerca de 5 mil habitantes, em 1893. Nesse período, embora a Cidade contasse com obras de limpeza e higienização, ainda havia graves problemas nessas áreas, como más condições de habitações, cortiços e cemitérios, esgoto a céu



aberto e lixões próximos ao Centro, problemas que vieram a piorar. Foi preciso passar muitos anos para que a cidade, velada de vez a epidemia, pudesse voltar a progredir. No final do século XIX e início do século XX, a epidemia foi dada por encerrada e o fluxo de imigração voltou a crescer na região.

De acordo com Fernando Figueira de Mello (1991 apud BAENINGER, 1996, p.33), “Em 1900 a área urbana já retornara aos 20 mil indivíduos. Estava saneada. Mas irreversivelmente perdera para a capital do Estado a primazia do desenvolvimento paulista”.

Em 1908, o Mercado Municipal de Campinas foi inaugurado, para ser um ponto de distribuição dos gêneros alimentícios, uma vez que o Mercado Grande havia sido fechado para se tornar um Desinfetório Central de Campinas, por conta da febre amarela. Localizado estrategicamente na área central, o Mercadão comercializava – e ainda comercializa – produtos naturais artesanais e industrializados, tendo a seu favor a estação Funilense, que transportava produtos agrícolas da região de Campinas à região do Funil, atual Cosmópolis.

Na área em que está instalado, funcionava um entreposto onde o açúcar levado ao Porto de Santos era depositado. Nas proximidades, ficava a estação Carlos Botelho, onde o trem parava para recolher as sacas. Por ali, circulavam também bondes e charretes, que davam um charme próprio ao local. O prédio foi tombado em 1982, tanto pelo Condephaat quanto pelo Condepacc.

Campinas foi progredindo, indo bem até 1929, período marcado pela quebra da bolsa de Nova York, que fez muitos cafeicultores entrarem em falência. Com a crise da agricultura, os fazendeiros passaram a lotear as propriedades mais próximas à área urbana. Iniciou-se assim o grande processo de urbanização da cidade. Assim, a cidade “agrária”, com o redirecionamento dos investimentos, assumiu uma fisionomia mais industrial, de comércio e de serviços, acelerando o crescimento de outros setores e atividades, como o hospitalar.

A cidade já tinha, em 1934, 132.819 habitantes e, então, passou a concentrar uma população mais significativa, constituída de migrantes e imigrantes procedentes das mais diversas regiões do Estado, do país e do mundo, que vinham atraídos pela instalação de um novo parque produtivo composto por fábricas, agroindústrias e estabelecimentos diversos. “A dinâmica industrial reforçou o papel da migração enquanto população “necessária”, uma vez que a migração, nessa etapa, era sinônimo de

dinamismo econômico e fator de destaque para o município”. (BAENINGER, 1996, p.123).

A metade da década de 1930 marca o início da modernização, quando a Prefeitura de Campinas decidiu contratar um profissional para fazer um Plano de Melhoramentos Urbanos⁶ para a cidade, cujos resultados são vistos materializados na década de 1950, passando a impressão que a Campinas moderna começava a partir dessa data.

As razões para a elaboração de um plano de urbanismo para Campinas giram em torno de alguns fatores, como a necessidade de ordenamento e valorização de loteamentos, a expansão da área urbana edificável, a instituição de meios para a prefeitura recuperar o controle sobre a malha urbana e o aumento do nível de consciência urbanística da população e senso de responsabilidade das autoridades municipais, além de valores de significação cultural, que caracterizavam o campineiro da época, como o orgulho pela cidade e o bairrismo, que prosperava também com a esperança de novamente transformar Campinas em uma grande cidade.

Aprovado e regulamentado somente em 1938, o Plano de Melhoramentos Urbanos se voltava aos ideais do urbanismo “funcionalista” e “higienista”, tendo um enfoque fortemente marcado por conceitos de estética urbana e valorização da paisagem.

O princípio básico do plano era manter o quadrículo central da cidade e criar anéis externos de ligação entre os bairros. Porém, para que uma cidade cujos traços eram semelhantes a uma mesa de xadrez se transformasse em uma cidade moderna, com eixos imponentes, foi preciso praticamente destruir o Centro de Campinas e desapropriar grande parte das edificações. Todo esse processo levou aproximadamente 25 anos, correspondendo à previsão do urbanista Prestes Maia, que também previa uma população quadruplicada e o aumento no número de carros, quando o Plano abrangesse o período de 25 a 50 anos.

“É impossível analisar a década de 50 sem passar pelo plano Prestes Maia, que previa de 25 a 50 anos para a população perceber a reconstrução e o projeto que fez”,

⁶ Concebido por iniciativa da Prefeitura Municipal – no limiar processo de formação da cidade industrial – o Plano de Melhoramentos Urbanos teve seu início definido pela contratação, em 1934, do engenheiro arquiteto Francisco Prestes Maia. Este, como urbanista, iria conduzir o desenvolvimento dos trabalhos e propiciar a formulação de propostas que orientassem, segundo os modernos conceitos urbanísticos, os novos rumos do crescimento da cidade. (BADARÓ, 1996, p.14)



afirma Daisy Serra Ribeiro, historiadora e coordenadora do Patrimônio Cultural da Secretaria de Cultura da Prefeitura de Campinas.

Entre tantas obras, uma das mais representativas para se entender a estrutura do Centro de hoje foi o alargamento das avenidas Francisco Glicério – para torná-la uma grande via de comércio, em substituição à principal rua da cidade, a Barão de Jaguará – e Campos Salles, que ligaria o Centro à Estação Ferroviária, substituindo a Rua Treze de Maio. À medida que prédios velhos eram demolidos, novos já eram construídos com recuo, de acordo com a idéia do urbanista.

Para realizar esses alargamentos, foi preciso demolir a Igreja do Rosário, que ocupava metade da Avenida Francisco Glicério e metade da Avenida Campos Salles. A demolição ficou marcada na história da cidade e também na memória de muitos habitantes.

Com a Campos Salles como avenida principal, Prestes Maia transformou o Largo da Igreja do Rosário em praças cívicas, inaugurando assim, em 1948, o Fórum de Campinas – conhecido como Palácio da Justiça. À sua frente criou-se a Praça Guilherme de Almeida e, do outro lado da Avenida Francisco Glicério, no antigo Largo do Rosário, a praça projetada pelo arquiteto Renato Righetto, pensada para ser um espaço para manifestações populares de maneira geral – políticas, reivindicatórias ou festivas. Após reivindicações de autoridades da Igreja, a praça da Catedral se tornou um espaço para manifestações religiosas. Na mesma época, instalou-se o prédio dos Correios e Telégrafos na Avenida Francisco Glicério.

A partir do momento em que a cidade se transformou, o espaço do Centro se tornou nobre. A começar pela Rua Treze de Maio, com seu variado e organizado comércio, que ia de docerias, casas de moda e sapatarias ao comércio de produtos agrícolas e industriais, à medida que a população andasse em direção à estação. A rua paralela a Treze, Avenida Costa Aguiar, também oferecia um comércio varejista.

Ao redor da Catedral, funcionava o centro financeiro, com diversos bancos. Produtos alimentícios para consumo humano e para a pecuária poderiam ser encontrados no Mercado, em que sempre predominou esse setor, até os dias atuais. Espalhados por toda a região, os hotéis acolhiam os ‘estrangeiros’ que vinham de outras cidades para fazer compras ou ir às clínicas médicas de Campinas.

Outro marco do período moderno da cidade foi a inauguração do Viaduto Miguel Vicente Cury, em 1963, criado como um elo entre a entrada de Campinas, pela Avenida Prestes Maia, e a Região Central, também dando acesso ao interior da cidade



através da Avenida Moraes Salles, chegando à Vila Industrial. Todos esses eixos seriam fecundados por rotatórias e a cidade aumentaria circularmente.

O que durou praticamente trinta anos para ser feito começou a ser degradado em menos de vinte. A partir dos anos 70, teve início uma grande deterioração do Centro e, a cada ano, a situação se agravava. A construção do primeiro shopping de Campinas, o Iguatemi, fez com que esse processo se acelerasse, pois tirou – e continua tirando – os espaços comerciais e de lazer do Centro – e, conseqüentemente, os clientes de maior poder aquisitivo e os moradores da região.

Outro motivo para o problema é o excesso de carros e a falta de estacionamentos na cidade. O que antes era um bem dos ricos virou objeto popular. Além disso, a maioria das pessoas que precisam ir de uma ponta a outra de Campinas se dirigem inicialmente ao Centro para tomar ônibus. A situação fez dali uma área de passagem da população.

À medida em que o local foi perdendo sua visibilidade, o comércio foi barateando e se popularizando, os hotéis se transformando em pensões, vários prédios foram abandonados, os mobiliários pixados, a prostituição avançando. Além disso, espaços como o Viaduto Cury deixaram de ser arborizados. Ao redor, começou a se formar um comércio informal, que passou a concorrer com algumas lojas e até com o Mercado.

Mesmo sendo um espaço democrático, com empresários ao lado de mendigos, é um lugar cujo pólo de interesse mudou e continua mudando, inclusive por razões práticas. E quanto mais deteriorado, mais as pessoas se afastam – o que deixa o Centro com ar abandonado.

Para a historiadora e coordenadora do Patrimônio Cultural da Secretaria de Cultura da prefeitura de Campinas, Daisy Serra Ribeiro, em depoimento à autora, hoje a discussão do Centro é: o que fazer com ele?

“Está comprovado que, em áreas antigas, se houver apenas comércio e lazer, não será possível segurar a deterioração. Se não há moradia, não há preservação do ambiente – e ninguém segura a degradação, porque o Centro é diferente do shopping. Se as pessoas abandonam o Centro no final da tarde, ele está entregue, a cidade fica literalmente abandonada; e uma cidade-fantasma tem espaço para as pessoas destruírem. Deve-se, então, trabalhar o Centro compondo três possibilidades: comércio, lazer e moradia. E diria quatro, lembrando que é um lugar de passagem. É preciso, inicialmente, incentivar moradias, que, à primeira vista, acredito serem populares, e privilegiar espaços desse volume de pessoas que estão de passagem. Mas ressalto que não haveria atendimento a uma classe mais privilegiada, em um primeiro momento. Ela não

encontrará espaço nesse Centro. Mas tudo pode acontecer, haja visto cidades do exterior. Isso depende muito da cultura e a nossa não tem mostrado uma tendência a compartilhar o antigo e o novo. A tendência é fazer um novo espaço, porque a população e, suas necessidades, já não são mais as mesmas de antigamente”.

E João Manuel Verde dos Santos, arquiteto, urbanista e Conselheiro do Condepacc desde 1993, representando a Associação Regional de Escritório de Arquitetura de Campinas, AREA, completa:

“O Centro é uma bagunça; é o espelho da falta de planejamento da cidade. O Centro é um resumo da questão caótica da cidade, da falta uma política de requalificação do Centro. Não falo de revitalização, porque não se trata de revitalizar, trazer vida! O centro é cheio de vida, ele tem sim é que ser requalificado na questão urbana, o que inclui limpeza, calçadas em ordem, iluminação, segurança, cultura, cinemas, teatros e principalmente incentivos a moradia. Deve ser um lugar que as pessoas andem e fiquem à vontade, sintam-se bem, seguras, com liberdade, que gostem de estar e de frequentar. Pior que o Centro hoje, só a questão de alguns bairros periféricos”.

CAMINHADA FINAL

Ao observar fotografias antigas, vejo o quanto o Centro de Campinas foi bonito. Sinto até saudades daquela época que não vivi. Surge a vontade de comparar as imagens antigas com os cenários atuais. E volto a ter saudades do tempo antigo. Imagens em branco e preto parecem mais vívidas que o Centro de hoje. Edificações com desenhos limpos, praças bem cuidadas, a rua e o céu limpos...

Ao ver imagens atuais, sinto vontade imensa de apagar com a borracha sujeiras do chão, poluição do céu, vidros fumês e prédios pintados que escondem a igreja desenhada. Vejo lágrimas nos olhos dos saudosistas e meu coração se aperta, com vontade de resolver os problemas do mundo. Então, surge uma idéia. Vou ser jornalista. Não para dar soluções, mas sim para compreender ações, estabelecer vínculos entre os fatos correntes e passados – testemunhando o presente –, e procurar extrair disso tudo alguma perspectiva que sinalize um bom futuro.

Enquanto estudo Comunicação Social, vou às ruas para contemplar outro tipo de linguagem: a fotografia. Uma paixão me acalma e, em fração de segundos, me devolve à realidade. E as fotos atuais do Centro de Campinas ganham novas interpretações. Nelas noto traços do passado que justificam o presente e começo a entender, um pouco mais, a estrutura da região.

Ao longo da caminhada, vi cenas urbanas e cotidianas. Artistas de rua encenando, crianças e jovens dançando, mulheres se exibindo, comerciantes vendendo,



peças comprando e sanfoneiros tocando enquanto mendigos dormiam. O instinto me levou a questionar algumas pessoas e, então, confirmei suspeitas e fiz descobertas. Se alguns estão ali para passear ou comprar, outros estão para lutar. Lutam por seus direitos como cidadãos e liberdade de expressão. Batalha diária pela vida que faz pulsar, mesmo que aos poucos, o coração de uma cidade.

Mas há também aqueles que ignoram essas vidas, que olham para a cena em que há uma lente a apontar uma direção e até perguntam o que está sendo fotografado. Para presenciar isso, basta fingir que se é de um veículo de comunicação. Quantos sanfoneiros, mendigos e estátuas ganharam moedas com minha indiscreta presença... Foi o que senti. Preconceito por parte de muitos que vivem no Centro. Até comprovei o clichê de que a classe média marginaliza aqueles cujo poder aquisitivo é inferior.

E penso que a maioria sabe, mas se deixa esquecer que vidas ignoradas também transbordam desejos, aspirações e sonhos. Mais do que isso, boa parte delas se protege, assim como muitos ‘se protegem’ delas. Estigma social. Isso me lembra de quando tentei fotografar os camelôs do Viaduto Cury sem autorização do Sindicato do Comércio Informal. A cada clique percebia, ao redor de mim, olhares preocupados. Um passo atrás do outro e, de repente, uma mão cresceu em minha direção, rumo à lente. A seqüência foi interrompida naquele momento e teve continuidade apenas no outro dia, quando devidamente autorizada e acompanhada pelos próprios comerciantes.

Outra cena que não sai da minha mente é a do primeiro dia que saí às ruas para realizar as fotos deste trabalho. Escondida dentro do carro, tentava registrar o cotidiano do beco da prostituição, quando uma prostituta me flagrou primeiro. Tirou a roupa como se estivesse entre as quatro paredes de um estúdio fotográfico. Talvez o jeito ousado maquie as próprias idéias, mas não esconde a vida que leva. Sua forma de se proteger do mundo é peculiar, mas não incompreensível.

Inserida nesse contexto, entendi como é viver no Centro de Campinas. Descobri que é preciso ter, no mínimo, bom humor na maneira de encarar a vida e afeto pelo próximo para poder ser feliz, mesmo que o cotidiano indique caminho contrário. Conheci muitas pessoas dignas e batalhadoras, que confiaram em mim da mesma forma como confiei nelas. Duas dessas pessoas são o ministro da eucaristia Joaquim de Almeida, que abriu as portas de sua casa para realizarmos a entrevista, e a Rosângela Regina Mariana, que me convidou para seu casamento no dia em que a conheci.

Entre os demais entrevistados, a ex-prostituta Sandra Cabelão marcou por se mostrar forte e corajosa, verdadeira guerreira; o cabeleireiro e barbeiro Luiz da



Conceição por seu jeito despojado de falar sobre a vida; o comerciante Odair de Moraes com seu ar revoltado dado à política e economia brasileiras – que influem na venda de seus produtos –; e o engraxate Lázaro Caraca, com a sua aparente e extrema humildade. Cada personagem presente no livro deixou uma impressão singular.

Percebi a importância da imagem como meio de comunicação em diferentes abordagens. Cliques soaram entre as meias palavras enroladas que um senhor, encostado em um poste, dizia. Ele acenou, continuou falando, parou para observar o que estava acontecendo, até que com um gesto das mãos resolveu me chamar: imitava a lente de minha câmera e os conceitos básicos da comunicação vieram à tona; sinônimo de participação, de tornar algo comum a todos, e uma necessidade básica para a sobrevivência da espécie, pela qual se transmitem informações.

Com a mobilidade da câmera fotográfica – mesmo indiscreta –, fiz registros que outro veículo de comunicação dificilmente sustentaria, devido aos diferentes tipos de linguagens. A temática escolhida se adapta a outras formas de comunicação, mas acredito que somente as fotografias são capazes de mostrar sutilezas de duas emoções: a do fotografado e a do fotógrafo. Atréadas aos depoimentos, as fotos ampliam as dimensões no modo de falar das pessoas, mostrando cada parte do Centro de forma abrangente e revelando como espaços tão próximos podem ter tantas diferenças.

Chamo a atenção daqueles que trabalham com Jornalismo, Antropologia e Urbanismo para que se atentem ao Centro de Campinas. Espero que os estudantes e pesquisadores dessas e de outras áreas das Ciências Humanas se sintam motivados a dar seqüência ao trabalho dos profissionais. Espero também que fotógrafos se inspirem e observem a riqueza de cada lugar, a dignidade de cada pessoa e, ao traduzir isso em imagens, colaborem para que a população tenha acesso a múltiplas memórias da cidade.

Disponibilizo este trabalho como material de apoio pedagógico para escolas e universidades. Algumas imagens, inclusive, já estão sendo usadas nas aulas da Prática de Formação ‘O desenvolvimento de Campinas – 1800 a 1920’, oferecida pela PUC-Campinas e ministrada pelo arquiteto, urbanista e professor João Verde, como é chamado pelos colegas.

Em especial, vejo o livro em circulação em livrarias, para o público – saudosista ou não – que se identifica com fotografias, a cidade e seus perfis. Deixo este livro para ser lido em seqüência linear, de trás para frente ou com início no miolo, porque caminhar no Centro é também um jogo de possibilidades.



REFERÊNCIAS

BIBLIOGRAFIAS

- BADARÓ, R.S.C. **Campinas: o Despontar da Modernidade**. Campinas: Área de Publicações CMU/UNICAMP, 1996.
- BAENINGER, R. **Espaço e tempo em Campinas: Migrantes e a Expansão do Pólo Industrial Paulista**. Campinas: Área de Publicações CMU/UNICAMP, 1996.
- CARPINTERO, A.C.C. **Momento de Ruptura: As Transformações no centro de Campinas na década dos cinquenta**. Campinas: Área de Publicações CMU/UNICAMP, 1996.
- FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- FREITAG, B. **Teorias da Cidade**. São Paulo: Editora Papirus, 2007.
- LEITE, R. **Catedral Metropolitana de Campinas: um templo e sua história**. Campinas: Komedi, 2004.
- LIMA, E.P. **Páginas ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.
- SAMPAIO, F.R. et. al. **Monografia Histórica do Município de Campinas**. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1952.
- SCHAEFFER, J. **A imagem precária: sobre o dispositivo fotográfico**. Campinas: Papirus, 1996.
- SONTAG, S. **Ensaio sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

PERIÓDICOS

- PASCHOALIN, T.H. Megalópoles e os extremos do capitalismo. **Jornal Saiba +**, Campinas, n.3, p.8, 2007.
- RECUERO, C.L. O ver e o olhar. **Ecos Revista**, Pelotas, v.8, n.1, p.145-159, 2004.

SITES

- CAUJOLLE, C. **O fotojornalismo**. Disponível em: <http://photosynt.net/ano2/03pe/ideias/39_caujolle/index.htm>. Acesso em: 16 out. 2007
- MRAZ, J. **A aura de veracidade: ética e metafísica no fotojornalismo**. Disponível em: <<http://www.studium.iar.unicamp.br/24/07.html>>. Acesso em: 16 out. 2007

OUTRAS PUBLICAÇÕES

- DIAS, A.L. et al. **Campinas por trás das lentes de V8**. Campinas: PUC-Campinas, 2003.
- PARADA, R. **Faces urbanas: um olhar sobre o centro de Campinas através de seus rostos e expressões**. Campinas: PUC-Campinas, 2005.
- MASCARO, Cristiano. **Cidades reveladas**. São Paulo: Bei Comunicação, 2006.